

O preto e o branco acompanham-nos desde a infância. O quadro negro, o giz branco, o desenho, as primeiras reproduções fotográficas, os frascos de tinta-da-china e as suas inevitáveis manchas de sujidade nas folhas brancas.

Corpos quebrados e desintegrados no espaço pictórico, decompondo-se em elementos, alternadamente perdendo braços, pernas, cabeças; sempre em desequilíbrio. Confiando nas possibilidades do suporte branco do papel e no carácter aquoso e fluído do negro da tinta estas figuras biomórficas libertaram-se dos constrangimentos do corpo humano. Conduzidas às fronteiras de si próprias, absorvem-se em tarefas que as confundem por vezes com objectos, instrumentos musicais, animais ou incorporando espaços labirínticos. Por vezes ligeiras, por vezes agitadas, parecem obreiras saídas de uma tipografia ou de uma gravura alucinada. O seu princípio é de uma comunidade em errância, vagueando por labirintos sempre em mudança como se daí houvesse saída.

Uma acumulação de pequenas ilhas, que revelam um modo de trabalhar o quotidiano. Aparentemente frágeis, erguem-se entre o labor e o erro, tentando encontrar um ritmo e resgatar sentido à matéria. Improvisam uma adaptação e a inventividade de quem soluciona um problema de maneira extemporânea; caracterizam-se pela precariedade, pelo ilícito, pelo efémero e provisório. Subtraíndo-se a formas socialmente reconhecidas, desviando-se da actividade pura e simples e da exaltação fanática dos valores do trabalho, acham-se neste lugar ambíguo de meias identidades. Respiram, pulsam e persistem, têm uma energia errante, possuem a pressão e intensidade próprias de quem (do ser ou da coisa) está fora de lugar, do que está relegado para as margens da sociedade, absorvendo a existência do que perdeu a utilidade e valor ou se tornou impuro.

Agindo sobre a formas, corta-as, desmantela-as e reagrupa-as. Jamais seguro: procuras e tarefas infinitas.